

BIBLIOGRAFIA

M. HEYDRICH und W. FRÖHLICH: *Plastik der Primitiven*. Aus dem Besitz des Rautenstrauch-Joest-Museums der Stadt Köln. 64 págs. Verlag "Die Schönen Bücher". Stuttgart, 1954.

Reproduzem-se neste volume magníficas fotografias de produções de arte plástica primitiva. Trata-se de trabalhos em madeira, pedra, barro e metal, que fazem parte das coleções do museu etnológico de Colônia, representando a arte de tribos indígenas da região polar, da América do Norte e do Sul, da Polinésia, da Micronésia, da Melanésia, da Nova Guiné, da Indonésia e principalmente da África.

Se jamais a ingenuidade (no estrito sentido etimológico) puder aproveitar ao cientista, será, sem dúvida, em face das imagens, belíssimas, dê-se livro que, a rigor, deverá ser folheado apenas pelos capazes de resistir à tentação de baixar os olhos às legendas explicativas. Já é muito saber, pelo título do volume, que se trata da arte dos primitivos. O título dessa coleção de "belos livros" dirá o resto. Depois, só há campo para a sensibilidade.

De fato, aguardamos o dia em que os especialistas, deixando descansar momentaneamente as armas eruditas e lógicas que tantas vezes lhes entravam os passos e os gestos, se resignem à pureza intuitiva (e por que não intelectual?) dos que inocentemente se imbuem pela sugestão das peças de arte. Diante dessas imagens, até onde poderiam levar-nos os recursos classificatórios e analíticos das ciências que, pretensiosamente, transformamos em critérios definitivos? No máximo, à inútil reiteração dos paralelos por semelhança, tão do gosto da crítica impotente, ou à insignificante confirmação daquelas definições supostamente básicas, tão comôdas para o sociólogo e para o esteta.

Afinal, dizer que a figura ancestral dos Ifugao filipinos se parece com as estátuas de Lembruch, ou o ídolo dos Nukuor carolinos com um Brancusi, ou o urso groenlandês com os ursos de Pompon, ou a moça Bundu com as mulherinhas de Modigliani, ou a figura ancestral da Páscoa com os Cristos de Rouault, seria fingir ignorar que, em verdade, Lembruch, Brancusi, Pompon, Modigliani, Rouault, e todos mais, é que, consciente ou inconscientemente, mediata ou imediatamente, desejaram parecer-se com os primitivos que buscaram nos museus, nos livros ou, com muita freqüência e algum açodamento, no fundo de si mesmos. E o mais exigente dos críticos acabará por reconhecer que eles só se tornaram grandes quando conseguiram voltar ao primitivo — êsse mesmo primitivo que se bastou com permanecer primitivo.

Assim, de que nos valerão as famosas definições básicas que sempre desejaram ver na arte primitiva uma expressão predominantemente coletiva, enquanto a expressão individual ficaria preferentemente reservada para as sociedades letradas, mais "cultas", mais próximas de nós mesmos? Ou, então, aquelas sutilezas estéticas que fazem da "vontade de expressão" o primeiro degrau da escalada que leva à completa "expressão artística"? Essas frágeis distinções baralham-se e todos êsses elementos, que se desejou tomar como distintivos de etapas evolutivas, enquanto talvez assim só se favorecesse a infiltração de valores subjetivos e egocêntricos, acabam por surgir, surpreendentemente, onde menos os esperavam os que, curvados à mesa de trabalho, tentavam "compreender" a arte antes de senti-la. Esta será a vitória dos documentos, que conseguem transmitir a

fôrça violenta e violentadora da criação artística. E *Plastik der Primitiven* é um excelente documentário, o que poderíamos chamar de um verdadeiro desafio ao cientista.

Lourival Gomes Machado

ÉMILE G. LÉONARD: *L'illuminisme dans un protestantisme de constitution récente (Brésil)*. 115 págs. Presses Universitaires de France. Paris, 1953.

O Prof. Émile G. Léonard, que esteve durante alguns anos lecionando na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, publicou uma série de interessantes trabalhos sobre o protestantismo brasileiro, dentre êles êste, no qual procura colocar o fenômeno religioso na época e no meio social em que surge e se expande, procurando as influências recíprocas entre meio social e religião.

Traça por um lado a vida e o desenvolvimento das seitas iluministas protestantes brasileiras; por outro, procura analisar o que chama de "essencial" nas seitas, isto é, o dogma básico, e os "elementos distintivos", o traço original e peculiar a cada uma (pág. 27) e finalmente busca compreender a função desempenhada por algumas dessas seitas no meio brasileiro. São principalmente a Igreja Evangélica Brasileira, as Assembléias de Deus e as Congregações Cristãs do Brasil.

O iluminismo protestante teve entre nós surto tardio. O movimento protestante no Brasil data de 1858 (ano em que se deu o batismo do primeiro brasileiro convertido, pág. 14); a Igreja Evangélica Brasileira, primeira seita iluminista, formou-se em 1874 (pág. 25). O A. atribui êste aparecimento tardio ao fato de se ter desenvolvido ao mesmo tempo que o protestantismo, o espiritismo — o qual, introduzido no Brasil em 1857 (pág. 19), logo atraiu os indivíduos preocupados com fenômenos extraordinários, desviando-os do protestantismo, que por sua vez lhes oferecia possibilidades, embora menores, de satisfazer o seu interesse. O iluminismo dessa Igreja é muito pouco espetacular, de ordem mais íntima; ligado ao positivismo por um clima de intelectualidade e de desejo de progresso, exige certa cultura geral de seus adeptos, alcançando apenas a reduzido número de fiéis das camadas altas da população (pág. 32 e 36).

Sòmente em 1910 e 1911 um iluminismo verdadeiramente popular se disseminou no Brasil através das seitas de tipo pentecostal classificadas pelo A. como a forma proletária do protestantismo (pág. 72): são as Assembléias de Deus, no norte do país, e as Congregações Cristãs do Brasil, no sul. Esta forma de religião, não exigindo preparo intelectual dos fiéis, considerando-os iguais, e lhes oferecendo as mesmas oportunidades de obterem os dons do Espírito Santo, além de fomentar ativamente a cooperação e o auxílio mútuo, era a mais própria para expandir-se num meio de imigrantes recém-chegados, de pouca instrução, que se sentiam isolados e estranhos numa sociedade em que encontravam barreiras para o acesso a vantagens e privilégios; ao mesmo tempo que auxílio e apôio, fornecia-lhes um canal de ascensão social. Explica-se, assim, o fato de a clientela das Congregações Cristãs do Brasil ser recrutada entre os imigrantes e seus descendentes, sendo relativamente pequeno o número de negros e mulatos (págs. 73-74).

Enfim, vê-se que Léonard não estuda a religião como compartimento estanque da vida do homem, mas ligado a tôdas as vicissitudes da sua existência em grupo e com a sua evolução vinculada aos acontecimentos sociais. Historiador todavia, e historiador das religiões, o A., embora apontando todos êsses fatôres, não se detém em sua análise, que releva da so-